



**OUTRAS  
PERSPECTIVAS**



# A MÃO QUE ME ASSOMBRA

## D. CELESTINO

“[...] entreabre os olhos e  
vê as cinco unhas negras suspensas  
apontando para seus olhos”  
(Julio Cortázar)

A mão era imensa, acinzentada, de longas unhas quebradiças e estava em quase todos os lugares. Às vezes surgia de manhã, de dentro do pote de pó de café. Outras, à noite, de dentro do meu travesseiro, numa espécie de carinho áspero nos meus fios de cabelo, que se enroscavam nos seus calos. Era assombrosa, mas inofensiva. Até que um dia, enquanto eu vestia o suéter, antes que minha cabeça passasse pela gola, ela tentou me matar, agarrando com força o meu pescoço.

Naquela época eu já morava sozinha no grande casarão que tinha sido dos meus pais, e dos meus avós antes deles. O Guto tinha ficado com a guarda das crianças e era um período difícil. A saudade era imensa, mas eu só podia visitá-los a cada quinze dias, com supervisão. A juíza tinha avaliado que não seria seguro deixar o Pedro e a Bia sozinhos comigo. Quando a mão entrou na minha vida, percebi que ela tinha razão. Não por causa do que eu faria com

eles – eu nunca os machucaria –, mas sim por causa do que ela, a mão, faria aos dois. Desde a primeira vez que a vi, eu soube – não consigo explicar como, eu simplesmente soube – que ela ficaria por perto por um longo tempo e que eu não poderia machucar os meus filhos, mas a mão, possessiva, poderia. Ainda assim, não fiz nada contra ela e nunca tentei me afastar. Aceitei-a e encontrei certo aconchego autodestrutivo em sua presença.

A primeira aparição foi numa sexta-feira. Eu estava assistindo à TV e tomando vinho, depois de um dia estressante de trabalho; depois de ter tentado falar com meus filhos e ter sido impedida pela minha ex-sogra. A bebida me deixou um pouco tonta; minhas pálpebras caíram por uns segundos e ao abrir os olhos vi que não era eu segurando a taça, e sim ela; os dedos finos e ossudos sobre o cristal. Gritei e ela soltou o cálice que, ao se espatifar, provocou um novo grito, um grito mais estridente. Para abafá-lo, ela voou sobre a minha boca, empurrou a minha cabeça até recostá-la no sofá e se afastou, devagar; pairou a um palmo do meu rosto, ameaçadora. Acho que vi o pavor em meus olhos, o brilho das lágrimas ainda retidas, e recuou. Flutuou até a porta, girou a maçaneta e se foi. Só então, eu chorei; alto, soluçando, sem entender muito bem o que havia acontecido, de onde ela viera, mas com a certeza de que voltaria. E eu estava tão só, tão carente, que desejei que ela voltasse.

Os dias foram passando como sempre haviam passado: pesados, cansativos, intranquilos. Eram assim, mesmo quando eu ainda tinha minha família comigo. A diferença é que agora eu bebia mais, limpava menos o casarão, chorava mais, e me importava menos com minha aparência. Ah, e, é claro, passei a ter esta companhia bizarra, a grande mão fantasmagórica.

Minha primeira crença era a de que se tratava, de fato, de algo sobrenatural. Havia muitas histórias estranhas envolvendo o casarão, desde que eu era criança. Depois de um tempo, comecei a questionar minha sanidade mental: eu estaria imaginando aquilo? Fosse o que fosse, o horror não era menor: a mão tinha pelos, bolhas e feridas; surgia sem pedir licença. À mesa, na hora das refeições; no banho, variando entre chegar pelo ralo ou pela ducha. Meu corpo estremecia em assombro e nojo a cada vez; ainda assim, eu me acostumei a ela; era, inicialmente, inofensiva. O susto era grande, sim, mas passava em alguns minutos. Certa vez, ela saltou de dentro da lata de lixo; em outra ocasião, me espreitava do fundo da geladeira. Até pelo espelho eu a via, atrás de mim, alisando meus ombros, às vezes circundando a minha cintura; seu toque gelado, ora áspero, ora pegajoso, me causava calafrios surpreendentemente aconchegantes.

Se eu contasse para mais alguém, iriam querer nos separar, mas eu precisava dela. De um modo estranho e doentio, eu necessitava daquilo tudo, de me alimentar de asco e ódio e pânico. Se eu contasse, também poderiam querer me dar remédios e isso eu não suportaria; de novo não. Antes o horror do que o embotamento. Antes sentir engulho e pavor do que não sentir nada. Não sentir nada me fez fechar todas as janelas da casa de praia e deixar vazar o gás da cozinha. Me fez perder os meus três filhos. O Pedro e a Bia, levados pelo Guto; e o Gael... não foi culpa minha. Eu não sabia que o Guto tinha levado apenas os dois mais velhos para a praia. Pensei que estivesse sozinha. Nunca faria nada de mal aos meus filhos, não de propósito.

Apesar de assombrosa, a mão era inócua... até que não era mais. Covardemente, me pegou de surpresa, enquanto eu vestia o suéter, desprevenida; minha cabeça ainda estava envolta pelo tecido, minhas próprias mãos ainda enroscadas nas mangas. Com muito custo, consegui me desvencilhar, corri para o banheiro e tranquei a porta. A mão era real, eu vi as marcas no meu pescoço através do espelho. Eu chorava e gritava:

– Vai embora, me deixa sozinha!

Mas ela esmurrava a porta de madeira; o som retumbante me invadindo, vibrações pelo meu corpo. A maçaneta se mexendo freneticamente.

– Abre essa porta! – A mão agora tinha voz. Era inacreditável, aterrorizante e eu não sabia o que fazer.

Medo. Me tomando inteira, subindo pela espinha e escorrendo no meu suor frio. Senti que ia cair e então me encostei no azulejo gelado, me deixando deslizar até sentir o chão. Meu peito arfava e minhas vistas escureciam, até que finalmente a mão conseguiu arrombar a porta e voou na minha direção. O tapa fez arder meu rosto por um segundo, antes do desmaio.

Quando acordei, estava deitada na minha cama. Pela porta entreaberta, passava um pouco de luz. O ataque parecia um pesadelo, mas não muito distante. O medo ainda estava lá, amplificado pela penumbra e pelas janelas que batiam com o vento forte lá fora. Ouvi passos no corredor; as tábuas do velho piso rangendo não deixavam dúvidas. Puxei a cobertura, fiquei quietinha, encolhida, tentando acalmar o coração aos pulos. *Mãos caminham?* Os passos estão mais próximos... As histórias estranhas do casarão assaltam a minha cabeça. Tenho certeza de que estou sendo punida pelo que aconteceu com o Gael. É isso: eu mereço ser punida, é justiça pelo meu pequeno. Fecho os olhos quando vejo a sombra gigantesca da mão, ainda mais grotesca do que a coisa

em si. Finjo que estou dormindo, mas em segundos posso sentir o hálito quente no meu rosto e o roçar dos cinco dedos calosos na minha bochecha, como se examinando o hematoma impresso pelo tapa. Ouço um suspiro... *Mãos suspiram?* Não tenho coragem de abrir os olhos e o faço apenas quando sei que a coisa está se afastando. O que vejo não é nada animador: a mão já não está sozinha; um monstro inteiro está deixando o quarto.

\* \* \*

Do olho mágico, eu vi o Nando com um buquê de rosas na mão. Cinco meses de namoro e ganhei mais flores dele do que do Guto em anos e anos de relacionamento. Hesitei em abrir a porta. Se a abrisse, teria que lhe contar sobre a mão e alguma coisa me dizia que ele não aceitaria isso muito bem. Iria pensar que eu estava louca? Ou iria se zangar? Era um pouco estourado, o Nando, apesar de romântico.

Decidi abrir. Eu conversaria com ele e ficaria tudo bem.

– Oi, amor. Me perdoa por ontem à noite? Eu juro que não vai acontecer de novo.

Ele me entregava as rosas com um sorriso doce. O perfume delas mesclado com o perfume dele. Aceitei tudo: o perfume, as flores e o perdão, esforçando-me para ignorar que era ela, a mão, que segurava o ramalhete.

D. Celestino escreve suspense, terror, crime e ficção insólita. Canceriana chorona e ansiosa, compensa essas fraquezas escrevendo textos incômodos. Seu conto “Vizinhos” foi finalista do Prêmio Odisseia de Literatura Fantástica, e este “A mão que me assombra” foi finalista do Prêmio da Associação Brasileira dos Escritores de Romance Policial, Suspense e Terror (Aberst). Também adora ler e escrever minicontos (instagram: @microcontei), e seu primeiro livro do gênero – Pedacos do escuro – foi publicado em 2021, pela Editora Patuá. Mestre e doutora em Letras-Linguística pela Universidade de São Paulo (USP), hoje é docente na Universidade Estadual de Campinas (Unicamp).